

# GEAE

GRUPO DE ESTUDOS AVANÇADOS ESPÍRITAS

**BOLETIM GEAE | ANO 24 | NÚMERO 562 | AGOSTO DE 2016**

*Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade" Allan Kardec*



**Grupo de Estudos Avançados Espíritas - GEAE**

**Primeiro Grupo Espírita da Internet**

**Conselho Editorial:**

Carlos Alberto Iglesia Bernardo  
José Cid  
Raul Franzolin Neto  
Renato Costa  
Sérgio Freitas

Os boletins e informações sobre utilização do material do GEAE encontram-se no site: <http://www.geae.net.br>

## **Editorial**

Lamentavelmente os habitantes da Terra têm que conviver com tragédias naturais ainda imprevisíveis. Elas causam desencarne em massa com consequências drásticas e dolorosas para milhões de pessoas. O artigo publicado por Raul Franzolin Neto em 2005 no Boletim do GEAE discute o tema com ênfase na necessidade da solidariedade e fraternidade na humanidade.

Colônias espirituais existem? O prefácio do livro de Paulo Neto "As colônias espirituais" escrito por Ademir Xavier define a importância do tema para nossa vida espiritual com as pesquisas feitas pelo autor na literatura pertinente.

Na seção, nos tempos da codificação, Kardec publica na Revue Spirite de fevereiro de 1859, interessante artigo sobre a imaginação mirabolante de pessoas quando se tem toda uma lacuna a ser explorada entre o mundo visível e o invisível. Há que se tomar cuidado em tudo que ouvimos e deixar a razão falar mais alto.

Qualquer comentário será bem-vindo ao GEAE: [editor@geae.net.br](mailto:editor@geae.net.br)

## **Sumário**

**[Tragédias naturais: convívio e consequências](#) -**

**[Raul Franzolin Neto](#)**

**[Paulo Neto - As colônias espirituais \(livro\)](#) -**

**[Prefácio - Ademir Xavier](#)**

**[Meu amigo Hermann - Allan Kardec](#)**



### *Tragédias naturais...convívio e consequências*

*Raul Franzolin Neto*

**O homem tem que conviver com essas tragédias naturais na Terra e tirar proveito em favor da vida em fraternidade e solidariedade. Vamos confiar na Providência Divina e aguardar os tempos em que tudo se harmonize em novo patamar evolutivo**

**A**manhecemos com tristes manchetes nos meios de comunicação: “Forte terremoto atinge região central da Itália e deixa mortos e feridos” “Terremoto mortal atinge o centro da Itália; 'metade da cidade se foi', diz prefeito”.

Estamos em 2016 e há 11 anos, escrevi um artigo que trata do tema sobre tragédias naturais que merece constante reflexão. Elas se repetem e promovem destruição e dor na humanidade.

Depois desse artigo, em 2008, na China um terremoto de magnitude 7,9 promoveu cerca de 90 mil mortes.

No Haiti, em 2010, mais de 220 mil pessoas morreram por um terremoto de grau 7, segundo o governo, com devastação e sofrimento incalculáveis.

Em 11 de março de 2011, o Japão foi atingido pelo pior terremoto

já registrado no país e o quarto no mundo com 9 graus na escala Richter. O terremoto provocou tsunami com ondas superiores a 10 metros de altura. Morreram cerca de 9 mil pessoas.

No Nepal, em 2015, dois terremotos devastadores promoveram mais de 8500 mortos.

Terremotos ocorreram também na América do Sul, no Chile e Equador.

Agora em 24 de agosto de 2016, novo terremoto de 6,2 atinge o centro da Itália.

Infelizmente fanáticos religiosos promovem o pânico ao acreditar na ira de Deus contra pessoas e povos achando um motivo para tanta tragédia e mesmo para o fim do mundo.

Ao contrário, muitas pessoas desencarnam em momento adequado as suas necessidades evolutivas,

considerando descarte em massa de acordo com as circunstâncias de efeitos naturais na Terra. Assim, espíritos de diversos graus de evolução deixa a Terra e, certamente, não há nenhuma relação com punição em massa.

O homem tem que conviver com essas tragédias naturais na Terra e tirar proveito em favor da vida em fraternidade e solidariedade. Vamos confiar na Providência Divina e aguardar os tempos em que tudo se harmonize em novo patamar evolutivo.

Reproduzimos aqui o artigo publicado em Boletim GEAE, Ano 13, Número 500, 15/10/2005.

### ***Evolução e as mudanças na Terra*** ***Raul Franzolin Neto***

No final de 2004, a humanidade recebeu com tristeza e dor a catástrofe provocada por ondas gigantes no Oceano Índico, os tsunamis, que atingiram grande região do sudeste da Ásia, matando e ferindo milhares de pessoas e deixando milhões de desabrigados vulneráveis a fome, doenças e todo o tipo de sofrimento. Trata-se de uma região pobre do planeta.

Os números de vítimas e a amplitude da destruição foram impressionantes. Bastaria dizer que o fenômeno mudou o eixo de rotação da Terra e que liberou energia equivalente à de um milhão de bombas atômicas como a que ocorreu em Hiroshima.

Agora mais destruição e tragédia acontecem causadas pelo furacão

katrina na nação mais rica, os Estados Unidos.

Segundo Agência FAPESP, "...O Katrina, que alagou Nova Orleans e parte do sul dos Estados Unidos no final de agosto, era da categoria 5, a mais forte de todas - com ventos superiores a 249 km/h. Foi o quarto da categoria no país desde que os furacões começaram a ser medidos. O último havia sido o Andrew, que matou pelo menos 43 pessoas em 1992, na Flórida."

A natureza com suas adaptações ao longo do tempo demonstra a fragilidade e o longo caminho evolutivo que o homem ainda tem pela Terra.

É preciso compreender a natureza e o único meio capaz de dominá-la é através da própria inteligência. Sendo assim, é possível imaginar um fenômeno inteligente maior, capaz de controlá-la de alguma forma e razão e manter a vida em harmonia sobre a Terra.

Essas adaptações sempre ocorreram desde a criação do planeta. Esporadicamente são registrados na história do planeta terremotos, maremotos, erupções de vulcões, etc., provocando milhares e milhares de mortes e destruições imensas. Mas tudo se refaz novamente.

Graças à vida inteligente é possível lutar pela sobrevivência no planeta. A ciência hoje define a fragilidade do homem frente à natureza. Mas infelizmente mudanças acentuadas podem ser ocasionadas pela própria presença do homem no planeta com sua ação devastadora sobre o equilíbrio do planeta, causada pela inferioridade daqueles que ainda

encontram espaço na Terra.“... Um novo estudo indica que os furacões estão cada vez mais fortes. Segundo a pesquisa, feita por cientistas do Instituto de Tecnologia da Geórgia (Georgia Tech) e do Centro Nacional para Pesquisas Atmosféricas (NCAR), o número de furacões das categorias 4 e 5 praticamente dobrou em todo o mundo nos últimos 35 anos.” Os cientistas não conseguem entender por que o mundo tem cerca de 85 furacões por ano. (Agência FAPESP).

Na realidade a Terra deveria chamar-se planeta Água, já que ele é recoberto em sua grande maioria por água.

Existem gigantescas placas formadas de crosta terrestre e de uma porção superior denominada de manto. Cada placa tectônica pode ter alguns quilômetros à até quase 100 km de espessura e estão à deriva flutuando com as partes mais elevadas ficando expostas ao ar se deslocando sobre as placas que estão submersas. Fenômeno este denominado de “Deriva Continental”.

As placas oscilam mais de um milhão de vezes ao ano. Terremotos e vulcões se proliferam nas áreas onde as placas se roçam umas nas outras e grande quantidade de energia do núcleo da Terra é liberada na sua superfície.

Cerca de 50 mil abalos sísmicos são medidos anualmente e aproximadamente uma centena deles são intensos o suficiente para provocar prejuízos graves a humanidade.

As forças que impelem essa gigantesca movimentação vêm do núcleo e do manto da Terra. O núcleo possui espessura de cerca de 3500 km

de diâmetro e pressão de 3,6 milhões superior à da superfície da Terra, mantendo uma temperatura de aproximadamente 6.600°C, bem superior à temperatura do sol (5.760 °C).

Mas no meio de tragédias naturais observadas na Terra olhamos para céu e perguntamos: - Onde estamos?

O universo é inimaginável e é impossível entender toda a realidade com a reflexão mais acertada pelo homem na Terra, pois ligado à matéria, ele se encontra desvinculado diretamente do que existe em outra dimensão, ou seja, o plano espiritual.

A ciência a cada dia nos mostra o infinito e irredutível ponto onde nos encontramos. É possível definir pelos nossos cientistas, inúmeras tragédias extremamente imensas ocorrendo neste exato momento apenas na nossa via Láctea.

Nascimento e morte de estrelas! Imaginar que a desintegração de uma estrela é capaz de gerar um pequeno buraco do tamanho de uma ervilha, chamado buraco negro, e “engolir” com uma força extraordinária tudo o que se aproximar dele devido à ação da gravidade. E existem muitos e muitos desses buracos negros no universo. Logicamente, se um deles passar pelo nosso sistema solar, destruirá todos os planetas, o sol, a Terra, tudo.

E pensar que cientistas na nossa Terra já foram capazes de observar buracos negros muito distantes.

Onde estamos? O que acontecerá no futuro? Por que tanta destruição na própria natureza?

Não bastassem as tragédias naturais, o homem também contribui

para as tragédias no planeta, com destruição dos recursos naturais água, terra e o ar, ou seja, o ambiente todo.

Viver na Terra, como coexistência humana nesse ambiente, é então uma prova árdua com a convivência em tragédias provocadas também pelo homem contra a própria necessidade de vida: guerras, doenças por abandono de medidas higiênicas, misérias pelo bem-estar de outros, sofrimentos pela destruição da própria natureza, etc.

Mas tudo deve seguir o seu rumo e Deus não pode deixar uma de suas moradas se autodestruir. O caminho é a solidariedade e a união entre a humanidade.

A Lei do Progresso é a garantia maior da harmonia universal. É o crescimento constante. Do simples à complexidade e da complexidade à simplicidade maior. Ao homem cabe contribuir para o equilíbrio, a harmonia e a felicidade eterna. Sem a Lei do Progresso, ou seja, a evolução espiritual, tudo acabaria no caos.

O maior entendimento que podemos tirar desses momentos de destruição e tragédias é a visão de que tudo isso despertará no homem o desejo para a solidariedade, a fraternidade e caridade para com a vida na Terra e com a natureza.

A união fraterna entre os povos é o caminho para a convivência mais feliz na Terra. Tudo o que acontece numa região, país ou continente deve ser de interesse de todos. Os que vivem melhor devem viver preocupados com os que vivem em condições inferiores.

Dessa forma, a maior contribuição que o planeta poderá

receber do homem é aquela gerada pela vida de cada indivíduo dentro dos princípios da visão do bem comum, ou seja, com responsabilidade, dedicação ao trabalho útil, respeito a tudo, honestidade e solidariedade.

Olhamos para o céu e continuamos com as nossas inúmeras questões em mente e quantas tragédias ainda teremos que vivenciar?

O tempo segue em frente infinitamente e simplesmente queremos viver melhor. Mas estamos fazendo a nossa parte da melhor forma possível?

Referências:

BRODY, D.E.; BRODDY, A.R. 2001. As sete maiores descobertas científicas da história. 15. Cia. Da Letras, 436p. Agência FAPESP. Mais katrina a caminho?- 16/09/2005.



*Paulo Neto – As colônias espirituais e a codificação (Livro)*

*Prefácio – Ademir Xavier*

**Embora não esteja dito nos textos kardequianos explicitamente nos termos dessas descrições, a existência de cidades e aglomerações estruturadas no mundo espiritual pode ser admitida como garantida**

O último quartel do Século XV viveu um momento ímpar na história da Humanidade. Falava-se na Europa da existência de outras terras, de outros povos, além do Atlântico e uma rota alternativa para as Índias era procurada, um caminho que não estivesse na posse de povos claramente hostis aos negócios europeus. Como decidir quanto investir e quando investir na busca por novas terras, se não havia meios de se positivamente saber onde e como seriam esses novos continentes? Vivia-se um momento de expectativa e corriam soltas as estórias de viagens fantásticas, de encontros com animais terríveis no oceano, de tempestades que dizimavam frotas inteiras de navios. E sobre as terras, havia boatos dos mais variados tipos, de terras com palácios construídos em ouro, de seres que devoravam homens,

de criaturas estranhas e povos muito diferentes dos europeus...

Passa o tempo e eis que, agora, no último quartel do século XIX, novos exploradores descobrem um novo mundo, tão perto e ao mesmo tempo tão distante da mesma humanidade carnal que um dia se aventurou em busca de outras terras mais além. Separado pelo espesso e não menos temível oceano da morte, a busca e estudo sistemático de um mundo além da vida se inicia com Allan Kardec em outras bases. Nesse novo mundo, como seriam seus habitantes? Como se vestem e como moram? Haveria casas, palácios, materiais nunca vistos na Terra? Como se organizariam as coletividades desencarnadas, qual seria a base de sua organização? Almas afins e com os mesmos interesses, como elas se reúnem para realizar suas tarefas e quais são essas

tarefas? Questões que se colocam como as mesmas dos antigos exploradores navais, agora surgem naturalmente com a constatação inequívoca da continuidade da vida após a morte.

Nas conversas e debates que surgem em torno dessas expectativas, surge o grupo dos céticos que se escoram na falta de evidências diretas e que contestam relatos esparsos e evidências colhidas muitas vezes privadamente sob condições especiais. O mundo sempre viu a atuação de grupos céticos e também, no Espiritismo, eles provocariam um debate em torno dos informes trazidos por mais variados grupos de estudos. Nesse contexto se coloca o tema desta obra de Paulo Neto, “As colônias espirituais e a codificação”. Fazendo um paralelo com as estórias dos navegadores que colhiam relatos de terras distantes, Paulo Neto faz uso de diversos informes, tantos da bibliografia mediúnica nacional como espiritualista, para traçar um quadro. Tal imagem converge para a realidade das estruturas palpáveis do Mundo Espiritual e para a realidade da existência das “colônias espirituais”. Nesse estudo, nada do que foi explorado por Kardec, tanto nas diversas obras da codificação como na sua “Revista Espírita” se coloca contra essa conclusão. Porém, isso não impede que céticos continuem a exigir mais provas ou se escorem em retórica erguida em torno de interpretações equivocadas do “critério da concordância universal”. Os relatos reunidos aqui pelo Paulo Neto contribuem para formar uma imagem que vai na direção dessa conclusão, demonstrando que o critério da concordância – que poderia ter sido aplicado pelos antigos navegadores também na caracterização das novas terras – pode ser aplicado em outro nível. Trata-se de uma tarefa de busca meticulosa, de

exploração de mensagens que já chegaram a nós por diversos veículos mediúnicos, em diferentes culturas desde então. Embora não esteja dito nos textos kardequianos explicitamente nos termos dessas descrições, a existência de cidades e aglomerações estruturadas no mundo espiritual pode ser admitida como garantida. Mas, também estão ausentes da codificação outros fenômenos psíquicos que foram descobertos a posteriori, demonstrando que a previsão por Kardec do caráter progressivo do Espiritismo está plenamente em curso. Deixando extremismos de lado, isso aumenta ainda mais a importância da obra de Kardec, porque demonstra sua excelência como método de exploração, além de obra pioneira.

Diante desses relatos e convergência de opiniões, como se posicionar diante da realidade da morte? Nós que ainda nos fixamos demasiado em aspectos externos, não devemos também nos levar pelas aparências. O que ocorrerá fora de nós depende exclusivamente de como somos dentro de nós. Diferente do mundo material, onde sofremos com imposições externas, no Mundo Maior a condição em que estaremos dependerá de como temos aprendido a ser e pensar dentro de nós. Assim, em vez de se desprezar os relatos detalhados do Mundo Espiritual devemos neles ver as obras e criações dos próprios Espíritos a refletir ou exteriorizar no espaço e no fluido universal suas próprias criações mentais. Nesse sentido, a Lei Maior que nos guia não nos obrigará a nada. Nenhum tormento aguarda o criminoso além de sua própria consciência já incendiada pela culpa. Da mesma forma, nenhum descanso prêmio seguirá a morte do justo, que já aprendeu a cultivar a paz dentro de si

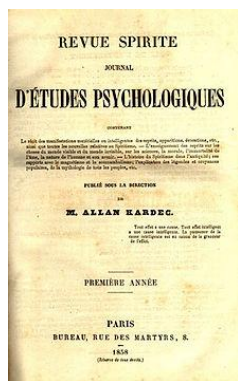
mesmo. Essa é, assim, a diferença capital que existe entre as descrições da vida futura no Espiritismo e as antigas crenças no céu e

inferno de então. Nunca houve prova mais garantida da indefectível justiça Divina.

Ademir Xavier PhD em Física

## Nos tempos da Codificação

---



### Meu amigo Hermann

*Allan Kardec*

**Esses sonhos – queira Deus que sejam sonhos – se seguem e se encadeiam como os acontecimentos de uma existência comum que se desenrolasse à face do sol e na companhia de outros homens**

Sob esse título o Sr. H. Lugner publicou, no folhetim do Journal des Débats do dia 26 de novembro de 1858, uma espirituosa história fantástica, no gênero de Hoffmann, e que, à primeira vista, parece ter alguma analogia com os nossos agêneres e com os fenômenos de tangibilidade que acabamos de falar. Sua extensão não nos permite reproduzi-la na íntegra. Limitar-nosemos a fazer-lhe a análise, observando que o autor narra essa história como um fato de que tivesse sido testemunha pessoal, estando – dizia ele – vinculado por laços de amizade ao herói da aventura. Esse herói, chamado Hermann, morava numa pequena cidade do interior

da Alemanha. “Era” – diz o narrador – “um belo rapaz de 25 anos, de porte avantajado, cheio de nobreza em todos os movimentos, gracioso e espirituoso no falar; muito instruído e sem o menor pedantismo, fino e sem malícia, muito cioso de sua dignidade e sem a menor arrogância. Em suma, era perfeito em tudo e mais perfeito ainda em três coisas: no amor pela filantropia, na vocação particular pela valsa e na doçura de caráter. Essa doçura não era fraqueza, nem temor dos outros, nem desconfiança exagerada de si mesmo: era uma inclinação natural, uma superabundância desse milk of human kindness que de ordinário não encontramos senão nas ficções dos poetas



e da qual a Natureza havia aquinhoado Hermann com uma dose nunca vista. Ele continha e ao mesmo tempo sustentava os adversários com uma bondade onipotente e superior aos ultrajes; podiam feri-lo, mas não encolerizá-lo. Certo dia, tendo-lhe o barbeiro queimado a ponta da orelha ao anelar seus cabelos, Hermann apressou-se em desculpá-lo, tomando para si a culpa e garantindo que se havia mexido desajeitadamente. Entretanto, nada disso aconteceu, posso dizê-lo em consciência, porque me achava presente e vi claramente que tudo se deveu à inabilidade do barbeiro. Deu muitas outras provas de imperturbável bondade de alma. Ouvia a leitura de maus versos com um ar angélico e respondia aos mais tolos epigramas com elogios bem-postos, quando Espíritos malévolos teriam agido com maldade. Essa doçura extraordinária o tornara célebre; não havia mulher que não desse a vida para vigiar sem descanso o caráter de Hermann, procurando fazer com que perdesse a paciência pelo menos uma vez na vida.

“Acrescentai a todos esses méritos a vantagem de uma completa independência e uma fortuna suficiente para ser contado entre os mais ricos homens da cidade, e dificilmente podereis imaginar que faltasse alguma coisa à felicidade de Hermann. Entretanto, não era feliz e muitas vezes dava mostras de tristeza... Isso se devia a uma enfermidade singular, que o vinha afligindo a vida inteira e que há muito excitava a curiosidade de sua pequena cidade.

“Hermann não podia ficar acordado um instante sequer após o pôr-do-sol. Quando o dia se aproximava do fim ele era tomado de uma languidez invencível e, pouco a pouco, caía num torpor que nada podia evitar e do qual ninguém o tirava. Deitava-

se com o sol e se levantava ao raiar do dia; seus hábitos matinais o teriam feito excelente caçador, se tivesse podido vencer o horror do sangue e suportar a ideia de dar uma morte cruel a inocentes criaturas.”

Eis em que termos, num momento de desabafo, descreve a própria situação ao seu amigo do *Journal des Débats*:

“Bem o sabeis, meu caro amigo, a que enfermidade estou sujeito e que sono invencível me oprime regularmente, desde o crepúsculo até a aurora. Sobre isso também sabeis o que todos sabem e, como todos, já ouvistes dizer que esse sono, por assim dizer, se confunde com a morte. Nada é mais verdadeiro, e esse prodígio pouco me importaria, eu o juro, se a natureza se contentasse em tomar-me o corpo como objeto de uma de suas fantasias. Mas a minha alma é também seu juguete e não vos posso dizer sem horror a sorte bizarra e cruel que lhe foi infligida. Cada uma de minhas noites é povoada de um sonho que se vincula com a mais fatal clareza ao sonho da noite anterior. Esses sonhos – queira Deus que sejam sonhos – se seguem e se encadeiam como os acontecimentos de uma existência comum que se desenrolasse à face do sol e na companhia de outros homens. Vivo, pois, duas vezes, levando duas existências bem diferentes: uma se passa aqui, convosco e com os nossos amigos; a outra, muito longe daqui, com homens que conheço tão bem quanto vós, com quem falo como vos falo, e que me tratam de louco como o fazeis quando me refiro a uma outra existência além desta que passo convosco. Entretanto, estou aqui vivo e falando, sentado ao vosso lado e bem desperto, penso; e quem pretendesse que sonhamos ou que somos sombras, com justa razão não passaria por insensato? Pois bem! meu caro amigo, cada um desses

momentos, desses atos que preenchem as horas de meu sono inevitável, não são menos reais, e quando me acho inteiramente nessa outra existência, é esta que eu seria tentado a considerar como um sonho.

Entretanto, não sonho aqui mais do que lá. Vivo alternadamente nos dois lados e não poderia duvidar, embora minha razão fique estranhamente chocada com o fato de minha alma animar, sucessivamente, dois corpos e de se defrontar, assim, com duas existências. Ah! meu caro amigo, quisesse Deus que nesses dois corpos ela tivesse os mesmos instintos e a mesma conduta e que lá eu fosse o homem que aqui apreciáis e conheceis. Mas não é nada disso e talvez não ousariam contestar a influência do físico sobre o moral se conhecessem minha história. Não quero me vangloriar; aliás, o orgulho que poderia inspirar-me uma dessas duas existências é aviltado pela vergonha, inseparável da outra. Todavia, não posso dizer sem vaidade que aqui sou justamente amado e respeitado por todos; louvam-me a personalidade e as maneiras; acham-me nobre, liberal e distinto. Como sabeis, amo as letras, a filosofia as artes, a liberdade e tudo quanto faz o encanto e a dignidade da vida humana; assisto os infelizes e não tenho inveja do próximo. Conheceis-me a proverbial doçura, meu espírito de justiça e de misericórdia e meu insuperável horror à violência. Todas essas qualidades, que me elevam e aqui me adornam, eu as expio lá, por vícios opostos. A Natureza, que aqui me cumulou de bênçãos, houve por bem amaldiçoar-me lá. Não apenas me lançou numa situação inferior, onde tive de ficar sem letras e sem cultura, como deu a esse outro corpo, que é também o meu, órgãos tão grosseiros ou tão perversos, sentidos tão cegos ou tão

fortes, inclinações tais e tais necessidades que minha alma obedece, em vez de comandar, deixando-se arrastar por este corpo despótico às mais vis desordens. Lá eu sou duro e covarde, perseguidor dos fracos e servil diante dos fortes, impiedoso e invejoso, injusto por natureza, violento até o delírio. Entretanto, sou eu mesmo e, por mais me odeie e me despreze, não posso deixar de me reconhecer.

“Hermann parou um instante; sua voz tremia e os olhos estavam molhados de lágrimas. Tentando sorrir, eu lhe disse: “Quero vos excitar a loucura, para melhor curá-la. Dizei-me tudo; para começar, onde se passa essa outra existência e com que nome sois conhecido?”

“Chamo-me William Parker, respondeu ele; sou cidadão de Melbourne, na Austrália. É para lá, no país dos antípodas, que voa minha alma, assim que vos abandona. Quando o Sol aqui se põe ela deixa Hermann inanimado e, quando lá se levanta, dá a vida ao corpo inerte de Parker. Começa, então, minha miserável existência de vagabundagem, de fraude, de rixas e de mendicância. Frequento uma sociedade má e nela sou contado entre os piores; estou em luta incessante com meus companheiros e, não raras vezes, me vejo de faca em punho; estou sempre em guerra com a polícia e, com frequência, obrigado a me esconder. Porém, tudo tem um termo neste mundo e esse suplício está chegando ao fim. Infelizmente cometi um crime. Matei covarde e brutalmente uma pobre criatura que se havia ligado a mim. Levei, assim, ao cúmulo a indignação pública, já excitada pela minha má conduta. O júri condenou-me à morte e espero minha execução. Algumas pessoas humanas e religiosas intercederam junto ao governador, a fim de obter-me graça ou,

pelo menos, o sursis, que me dará tempo para me converter. Entretanto, é bem conhecida a minha natureza grosseira e intratável. Recusaram-no e, amanhã, ou melhor, esta noite, serei infalivelmente conduzido à força.”

“Pois bem! disse-lhe eu sorrindo, tanto melhor para vós quanto para nós; é uma boa solução a morte desse velhaco. Uma vez Parker lançado na eternidade, Hermann viverá em paz; poderá velar como todo mundo e ficar conosco dia e noite. Essa morte curar-vos-á, meu caro amigo, e sou grato ao governador de Melbourne por ter recusado graça a esse miserável.”

“Enganai-vos, respondeu-me Hermann, com tal gravidade que me causou dó: morreremos juntos os dois, porquanto somos apenas um e, malgrado nossas diversidades e nossa natural antipatia, não temos senão uma alma, que será ferida por um único golpe, porque em todas as coisas respondemos um pelo outro. Acreditais, então, que Parker ainda estaria vivo se Hermann não tivesse sentido que tanto na morte como na vida eles eram inseparáveis? Teria eu hesitado um instante qualquer se tivesse podido arrancar e lançar ao fogo essa outra existência, como o olho maldito de que falam as Escrituras? Mas eu estava tão feliz por viver aqui que não admitia morrer lá; e minha indecisão durou até que a sorte resolveu para mim essa terrível questão. Agora, tudo está consumado; acreditai que estou me despedindo de vós.”

“No dia seguinte encontraram Hermann morto em seu leito e, alguns meses depois, os jornais da Austrália noticiaram a execução de William Parker, com todas as particularidades descritas por sua duplicata.”

Toda essa história é narrada com imperturbável sangue-frio e em tom sério; nada falta, nos detalhes que omitimos, para dar-lhe um cunho de verdade. Na presença dos estranhos fenômenos que testemunhamos, um fato dessa natureza poderia parecer se não real, pelo menos possível, e relacionado até certo ponto com aqueles que já citamos. Com efeito, não seria análogo àquele do rapaz que dormia em Boulogne, enquanto, ao mesmo tempo, conversava em Londres com seus amigos? Ao de Santo Antônio de Pádua que, no mesmo dia, pregava na Espanha e se mostrava em Pádua para salvar a vida do pai, acusado de homicídio? À primeira vista pode-se dizer que, se esses dois fatos forem exatos, também não é impossível que Hermann tenha vivido na Austrália, enquanto dormia na Alemanha, e reciprocamente. Embora nossa opinião esteja perfeitamente estabelecida a esse respeito, acreditamos dever referi-la aos nossos instrutores de além-túmulo, em uma das sessões da Sociedade. À pergunta: O fato relatado pelo Journal des Débats é real? Responderam: Não; é uma história feita especialmente para divertir os leitores. – Se não é real, é possível? – Não; uma alma não pode animar dois corpos diferentes. Realmente, na história de Boulogne, se bem o rapaz se tenha mostrado em dois locais diferentes simultaneamente, em verdade possuía apenas um corpo de carne e osso, que estava naquela cidade; em Londres havia apenas a aparência ou perispírito, tangível, é certo, mas não o próprio corpo, mortal; ele não poderia morrer em Londres e em Boulogne. Hermann, ao contrário, conforme a anedota, teria realmente dois corpos, desde que um foi enforcado em Melbourne e o outro enterrado na Alemanha. A mesma alma teria, assim, se

defrontado com duas existências simultâneas, o que, conforme os Espíritos, não é possível. Os fenômenos do gênero do de Boulogne e de Santo Antônio de Pádua, embora muito frequentes são, aliás, sempre acidentais e fortuitos num indivíduo, não tendo jamais um caráter de permanência, ao passo que o pretense Hermann era assim desde a infância. Entretanto, a razão mais grave de todas é a diferença de caracteres. Seguramente, se esses dois indivíduos não tivessem tido senão uma só alma, esta não poderia ser, alternadamente, a de um homem de bem e a de um bandido. É verdade que o autor se baseia na influência do organismo. Nós o lamentamos, se tal é a sua filosofia e, ainda mais, que procure dar-lhe crédito, porquanto seria negar a responsabilidade dos atos; semelhante doutrina seria a negação de toda moral, porque reduziria o homem à condição de máquina.

Fonte: Kardec, A. Revista Espírita. Ano 2 Fevereiro de 1859, N.1 Tradução Evandro Noleto de Bezerra, FEB – Federação Espírita Brasileira.

## Eventos

---



**Agenda Espírita**   
Brasil

### ***Publicações no Boletim GEAE***

*Envie artigos, textos e comentários ao Conselho Editorial do GEAE pelo e-mail: [editor@geae.net.br](mailto:editor@geae.net.br) ; Acesse nossa página (<http://www.geae.net.br>) para maiores informações.*